

## O MEDITERRÂNEO DE BRAUDEL

José Jobson de Andrade Arruda(\*)

### ABSTRACT

This paper deals with Fernand Braudel's classical book, *O Mediterrâneo na Época de Filipe II*. It retrieves the historical context in which it was written and reframes its main methodological proposal based on the notion of short-, medium-, and long-term duration: the dialectics of duration as opposed to the dialectics of social relations.

Saudamos festivamente a tradução desse clássico de Fernand Braudel, pelo qual o público de língua portuguesa esperou 34 longos anos, desde a primeira edição francesa em 1949. Digna, pois, dos maiores encômios a iniciativa editorial das Publicações Dom Quixote, de Portugal, e a sua parceira no Brasil neste empreendimento, a Livraria Martins Fontes.

Em obra de tal envergadura, cuja beleza literária já fora decantada em outras línguas, deixava uma grande ansiedade quanto à qualidade da tradução. Esta, felizmente, revelou-se à altura das necessidades, porém, aquém da obra e do autor. Contém deslizes de pequena monta. Refundições vira acrescentos (p. 27). Identifica o alumínio como um decapante, quando o mais curial seria mordente (p. 480). Dirige o ouro para o Brasil ao invés de extraí-lo daqui e remetê-lo para a Europa (p. 591). No conjunto, questões de somenos importância, perdoáveis numa tradução de quase setecentas páginas, mas que seria desejável não tivessem ocorrido.

Preserva-se, contudo, o espírito original do trabalho de Fernand Braudel no limite das possibilidades inscritas numa tradução. Ressalvamos, apenas, que a tradução realizada em Portugal causa-nos, aos brasileiros, uma certa estranheza quando lemos *sara* e temos que sintonizar *saara*, vemos costas *litorais* e temos que subentender costas *litorâneas*, encontramos *equipas* e temos que converter para *equipes*. Lamentável mesmo é a ausência absoluta do nome do ilustre tradutor, banido de sua própria obra. Sem dúvida, uma ausência singular que chega a causar espécie, principalmente, numa obra desse porte. Resta-nos aguardar que este lapso venha a ser sanado em futuras edições.

(\*) Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

## A OBRA E SUA HISTÓRIA

Fernand Braudel nasceu na província francesa de Meuse e foi educado no Liceu Voltaire e na Sorbonne, em Paris, onde graduou-se em História, no ano de 1923. Neste mesmo ano tinha início o trabalho de elaboração da grande obra, como se vê no prefácio da primeira edição. De 1923 a 1932 ensinou História em Constantine, na Argélia, retornando a Paris para lecionar no Liceu Condorcet e Liceu Henrique IV, entre 1932 e 1935, antes de assumir a Cadeira de História da Civilização na recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pelo período de três anos. Em 1939, quando eclodiu a II Guerra Mundial, as linhas mestras da obra estavam prontas. Braudel passou então a servir na fronteira renana, tendo sido capturado em 1940. Levou o resto da guerra num campo de concentração, onde escreveu a maior parte do trabalho que remetia a Lucien Febvre para seus comentários. É este quem relembra ter recebido os originais das 1160 páginas durante quatro anos mortais.

É praticamente impossível evitar a comparação com Henri Pirenne que, em circunstâncias idênticas, escreveu a *Histoire de l'Europe* <sup>(1)</sup>, num campo de concentração, durante a Primeira Grande Guerra, sem livros, sem notas de consultas, em cadernos escolares. Pirenne e Braudel: a longa duração? Ou apenas ironias da história?

Desde 1938 Fernand Braudel era membro da École Pratique des Hautes Études. Defendeu sua tese na Sorbonne em 1947. Em 1948 teve a sua primeira edição bastante prejudicada pelos cortes impostos pelo editor, face às dificuldades econômicas típicas dos períodos de pós-guerra. A partir de 1949, tornou-se professor de História Moderna do Collège de France, sucedendo a Lucien Febvre.

O livro provocou um impacto. Foi internacionalmente reconhecido como a obra-prima da produção historiográfica contemporânea. John Elliot, historiador americano, considerou-a um dos acontecimentos editoriais mais significativos do século XX. Para Arnold Toynbee — o célebre historiador inglês —, seus julgamentos são precisos e as reflexões magistrais, iluminando todos os pontos em que opera, sendo admiravelmente amplo e compreensivo. Num artigo clássico <sup>(2)</sup>, Lucien Febvre, o grande mestre de Braudel, afirmou que o seu livro era bem mais do que a obra de arte de um mestre da História. Era “uma revolução no modo de con-

(1) Henri Pirenne, *Histoire de l'Europe, des invasions aux XV<sup>e</sup> siècle*, 20 ed., Ed. de la Baconnière, Neuchatel, s.d.

(2) Lucien Febvre, “Un Livre qui Grandit: La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II”, *Revue Historique*, Tomo CCIII, avril-juin, 1950, págs. 216-224.

ceber a História. Um transtorno em nossos velhos hábitos. Uma 'mutação histórica' de importância capital".

Apesar de todo este impacto, entre a primeira e a segunda edição passou-se dezoito longos anos. Somente em 1966 apareceu a segunda edição, sensivelmente modificada, se bem que nem tanto quanto gostaria o autor, em função das mesmas limitações econômico-editoriais. Assim mesmo foram incluídos mapas, esboços, gráficos e ilustrações, bem como, segundo o próprio Braudel: "introduzi correções, acrescentos e transformações, por vezes de amplitude considerável, tanto mais que me foi necessário ter em conta conhecimentos novos; e na problemática, frequentemente de mais vastas conseqüências que os novos conhecimentos. É por isso que vários capítulos tiveram que ser reescritos do princípio ao fim" (3). Inúmeras modificações foram interpoladas no texto, a partir de leituras e investigações conduzidas em arquivos e bibliotecas em várias cidades da Itália, Espanha, Inglaterra, França, Áustria e Polônia.

A terceira edição sobreveio em 1976, seguindo-se a quarta edição francesa de 1979. Entre elas, houve duas edições, uma em italiano e outra em espanhol, ambas no ano de 1953 (4). A primeira edição inglesa somente veio à luz em 1972, repetindo-se a segunda edição em 1975 (5). No prefácio da terceira edição francesa, Braudel lamenta a impossibilidade de incluir resultados decorrentes das pesquisas conduzidas em arquivos turcos. Contudo, sua observação mais importante aí contida revela que as modificações mais profundas ocorreram na própria problemática do trabalho. "A minha visão da sociedade, do Estado, ou da economia, já não é exatamente a mesma, como o leitor poderá verificar consultando os três volumes de *Civilisation Matérielle et Capitalisme*, recentemente publicados" (6).

## O TEMA: O MEDITERRÂNEO

Braudel tinha uma relação apaixonada com seu objeto de estudo, o Mediterrâneo. Reconhecia que o inconveniente de empreendimentos demasiadamente vastos é que acabamos por nos perder neles. Mas confes-

- 
- (3) *Prefácio da Segunda Edição*. Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*. Trad. port., Publicações Dom Quixote e Livraria Martins Fontes, Lisboa-São Paulo, 1980, pág. 27.
- (4) Tradução italiana: Turim, Einaudi, 1953, 2.<sup>a</sup> ed., 1965. Tradução espanhola: México, Fondo de Cultura, 1953.
- (5) Tradução inglesa: Londres, William Collins Sons, 1972. Edição de 1975 pela Fontana-Collins, Glasgow.
- (6) *Prefácio da Terceira Edição*. Ob. cit., pág. 29. Refere-se à obra *Civilisation Matérielle et Capitalisme*, Paris, Armand Colin, 1967.

sava que, por vezes, perdia-se com prazer. Isto é o que se pode chamar uma verdadeira interação com seu objeto de estudo!

Porém, não foi de imediato que ele vislumbrou o seu objeto. Como confidenciou a Lucien Febvre numa carta, pretendia estudar a política mediterrânica de Filipe II — exatamente a Febvre um especialista.

Na demarcação de seu objeto de estudo, Braudel exitou entre o Mediterrâneo e a política mediterrânica de Filipe II. Instigado por Lucien Febvre<sup>(7)</sup>, decidiu-se pelo Mediterrâneo, fulcro principal de seu estudo<sup>(8)</sup>. Pela primeira vez um mar, ou, se preferirmos, um complexo de mares, era promovido à categoria de dignidade histórica, de personagem principal. Uma grande personagem que, segundo Braudel e apesar das opiniões em contrário, não se encontrava em recessão<sup>(9)</sup>.

Uma das marcas do livro é o estilo de Braudel. Claro e despojado, sem declarações grandiloquentes nem presunçosas profissões de fé<sup>(10)</sup>. Denso de história e leve de estilo, revelando com nitidez cristalina, qual halo resplandecente das telas iluminadas pela genialidade do artista, toda transparência da história mediterrânica, na época de Filipe II.

Em última instância, Braudel realizou no seu *Mediterrâneo* o projeto de história preconizado pelos grandes mestres dos *Annales*, especialmente Marc Bloch e Lucien Febvre. Segundo o próprio Braudel, sua dívida para com este grupo era imensa.

Era a primeira vez que um historiador ousava, nas suas reflexões, romper com a mais antiga e venerável das tradições: a ordem cronológica. Substituiu-a por uma ordem metodológica, dinâmica e genética ao mesmo tempo. Criou uma história que se desenrola em vários planos inclinados e superpostos, em perpétua comunicação, que vai do mais profundo e do mais constante ao mais superficial e efêmero. Uma história mais eficaz, mais adaptada aos destinos do mundo atual<sup>(11)</sup>. Nos seus três planos escalonados podem-se distinguir um tempo geográfico, um tempo social e um tempo individual.

---

(7) Cujo objeto de estudo fora *Philippe II et la Franché-Comté*, Paris, Champion, 1912.

(8) Lucien Febvre considerava que entre estes dois objetos a importância não era igual. "Un Livre qui Grandit...". Artigo citado, pág. 217.

(9) *Prefácio da Primeira Edição*. Ob. cit., pág. 22.

(10) Lucien Febvre, "Hacia Otra Historia". In: *Combates por la Historia*. Trad. esp., Editora Ariel, Barcelona, 1974, pág. 239.

(11) Fernand Braudel, *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'Époque de Philippe II*. 2.<sup>a</sup> ed., Armand Colin, Paris, 1966, pág. 721.

## OS TRÊS TEMPOS DE BRAUDEL

Sua obra divide-se em três partes, cada uma das quais pretende ser uma tentativa de explicação de conjunto.

Na primeira parte, são 395 páginas, desenrola-se uma história quase imóvel, a história das relações entre o homem e o meio que o rodeia, uma história de lentas transformações daquilo que permanece. Um eterno recomeçar. A preponderância das linhas de força detectadas nesse tempo, levou o próprio Braudel a denominar seu método por *géo-história*. Não se verificando, porém, uma análise acadêmica de geógrafo que morosamente prepara o terreno para o historiador. Ele fundamenta a explicação no seu clima humano.

A geografia decomposta por Braudel permite-nos captar a diversidade e também a unidade, mas, principalmente, a unidade da paisagem humana. Quando fala das montanhas, mostra-nos este mundo de homens fortes, familiares, secretos, que vivem à margem das correntes comuns da história. Ao falar das planícies líquidas revela como elas criam uma civilização de conjunto. Das ilhas, estes mundos ameaçados, atormentados sem cessar pela fome, sitiados pelos corsários, o mundo da retaguarda, arcaico, guardião da economia primitiva e síntese das grandes correntes das civilizações, e que sabem viver em família, os grandes arquipélagos.

Assim, penínsulas, montanhas, planícies, espaços líquidos, ilhas, clima, correntes de tráfico, cidades, são vocábulos de geógrafos, mas Braudel não é geógrafo. É historiador. O meio que ele descreve não é intemporal. É um meio mediterrânico, composto pelos agrupamentos humanos da segunda metade do século XVI, no qual evoluem os grupos de homens que amoldam e são ao mesmo tempo amoldados pela natureza. Uma forte interação homem-natureza.

Em primeiro lugar ficou, portanto, a análise das forças permanentes que operam sobre as vontades humanas, que pesam sobre elas sem que possam se dar conta, direcionando-as em múltiplos sentidos. Um tipo de análise jamais tentada até então, análise que transforma magicamente a palavra Mediterrâneo, dotando-a de uma força diretora, canalizadora, que acelera e freia o jogo das forças humanas<sup>(12)</sup>.

Sobre esta história imóvel, Braudel distingue uma outra história caracterizada por um ritmo ainda bastante lento, cujo movimento oscila entre dez, vinte e cinquenta anos. Esta é a história que ele gostaria de denominar social, a história dos agrupamentos humanos. Os temas que compõem esta unidade, economia, sociedade, civilização, são o próprio sub-título da revista *Annales* depois de 1945.

(12) Lucien Febvre, "Hacia Otra Historia". Artigo citado, pág. 238.

Nas 393 páginas que se seguem, Braudel começa por definir os instrumentos de medida da economia do século XVI. Neste plano, o Mediterrâneo do século XVI, grosso modo, tem as medidas equivalentes às do Império Romano. Levava-se sessenta dias para atravessá-lo em toda a sua extensão, por isso é o mundo dos sessenta dias.

O super-dimensionamento do espaço colocava entraves quase insuperáveis para os Impérios do século XVI. O Império Espanhol era, na época, um colossal empreendimento de transportes por mar e terra. O combate contra o tempo foi aí um duro combate, o que põe em evidência a medida do século XVI.

Com mestria ímpar, desliza a análise pelas cidades, cujas praças mercantis são motores decisivos da vida econômica, os índices demográficos e o ritmo do crescimento populacional, a preponderância da agricultura, o papel do artesanato enquadrado no sistema *verlag* de produção. Mostra que o volume das transações comerciais realizadas por fora do mercado é enorme e que o Estado tem um papel empresarial destacado.

Depois de passar pelas relações entre moedas, preços e salários, envereda pela análise do movimento dos metais preciosos e o comércio, a crise da pimenta, do trigo, interessando-se, sobretudo, por uma descrição de conjunto que envolve os mares conectados ao Mediterrâneo<sup>(13)</sup>. Marca com precisão os últimos estertores do comércio com o Extremo-Oriente, mostrando que a superação da rainha do Mar, Veneza, pelo rei Oceano, Atlântico, somente se daria no alvorecer do século XVII.

Nesta segunda parte, portanto, Braudel põe em relevo as forças particulares, animadas por uma certa constância — forças impessoais e coletivas —, mas, desta vez, fechadas e localizadas, que atuam no Mediterrâneo, durante uma época, a duração do governo de Filipe II<sup>(14)</sup>.

Falta, pois, o último tempo de Braudel, o tempo curto, breve, contingente, fugaz. É a história tradicional, que não dá a dimensão do homem, mas do indivíduo. Tradicionalmente, colocada em primeiro lugar, foi, nesta obra, relegada ao último plano, o terceiro, a justo título. É um mundo perigoso para o historiador, segundo diz Braudel<sup>(15)</sup>. Um mundo, cujos perigos poderemos exorcizar, se tivermos previamente estudado as grandes correntes subjacentes, freqüentemente silenciosas, e cujo sentido só se revela se trabalharmos com amplos períodos de tempo. Os aconte-

(13) Reproduz aqui quadros, gráficos, organogramas do artigo de Fernand Braudel e Frank Spooner, "Prices in Europe from 1450 to 1750". In: *The Cambridge Economic History of Europe*, vol. IV. *The Economic of Expanding Europe in the Sixteenth and Seventeenth Century*, E. E. Rich e C. H. Wilson editores, Cambridge University Press, 1967, págs. 378-486.

(14) Lucien Febvre, "Hacia Otra Historia". Artigo citado, pág. 238.

(15) *Prefácio da Primeira Edição*. Ob. cit., pág. 25.

cimentos espetaculares não passam, muitas vezes, de instantes, de manifestações dos grandes destinos, e que somente nele encontram explicação cabal. São o arfar respiratório das grandes massas oceânicas.

Aqui emerge a guerra como ponto culminante das linhas de força que à ela conduzem, nela cristalizam-se e, ao mesmo tempo, dão-lhe compreensão. É o tempo rápido dos tratados, da política contraditória, uma seqüência de atos individuais, de destinos, de acidentes. A guerra entre espanhóis e turcos, o confronto político e físico entre a Espanha dos Habsburgos e o Império Turco-Otomano, que se defrontam pela supremacia no Mediterrâneo, na batalha clímax de Lepanto. Suprema condensação histórica. Descrição ontológica de Braudel.

Os acontecimentos sob os efeitos imanentes das forças profundas da longa duração, influenciados e dirigidos pelas forças estáveis da média duração, bordam sobre as estruturas e, ao acaso, as mais surpreendentes variações<sup>(16)</sup>.

## AS RECUPERAÇÕES HISTÓRICO-METODOLÓGICAS

Concretizar-se-ão, assim, as elocubrações teóricas de Braudel, para o qual nada há de mais importante no centro da realidade social, do que a viva e íntima oposição, infinitamente repetida, entre o instante e o tempo lento no espaço<sup>(17)</sup>. A duração social, esses tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens são a substância do passado. *A história é a dialética da duração*<sup>(18)</sup>.

História dialética da duração. História dialética das relações sociais. Caminhos diversos, em larga medida antagônicos, no afã de superar o imediatismo, o empirismo, a preponderância do objeto. Vê-se, pois, na postura teórica de Braudel, a tentativa de ultrapassar a manifestação mais imediata e captar, quem sabe, o que os marxistas denominariam de as últimas determinações. São, no fundo, variadas formas de aproximação do objeto. Diferentes níveis de acercamento e enfoque. Um faz-se pela duração, pelo elo espaço-tempo e o outro pelas relações sociais de produção. Interessante lembrar que Braudel não pensa sua postura metodológica como a última palavra. O juízo final. Considera-a apenas uma das possibilidades da linguagem comum em vias de uma confrontação das ciências sociais<sup>(19)</sup>.

(16) Lucien Febvre, *Ibidem*, pág. 239.

(17) Fernand Braudel, "A Longa Duração". In: *História e Ciências Sociais*. Trad. port., Editorial Presença, 1972, págs. 7-70.

(18) Fernand Braudel, "História e Sociologia". In: *Escritos sobre a História*. Trad. port., Editora Perspectiva, São Paulo, 1978, pág. 98.

(19) Fernand Braudel, "A Longa Duração". Artigo citado, pág. 67.

Questão fundamental? Cremos que sim. Mas que não empanam o brilho da obra de Fernand Braudel. Pensamos mesmo que, assim como se fala no *Tawney's Century*, para referir-se ao domínio que este grande mestre da historiografia inglesa exerceu sobre a produção histórica relativa à segunda metade do século XVI, na Inglaterra, nada mais justo, nada mais meritório, do que se falar no *Siècle de Braudel*, quando pensamos no conjunto da problemática histórica do mundo mediterrânico que ele criou, ou recriou.

Nenhum trabalho de história da nossa época fez tanto pela alteração da perspectiva, não somente da história do Mediterrâneo, mas e, sobretudo, da tarefa do historiador. Nestes termos, sem paralelo, H.G. Koenigsberger observou, com propriedade, que nenhum estudioso sério de História poderia passar sem uma cópia desse livro de Fernand Braudel. Ou, diríamos, ao menos sem a leitura de uma centena de suas belas páginas, não importa quais.

Se me fosse perguntado qual o conselho que daria aos jovens estudiosos de História, a propósito desse livro, reprisaria, fazendo minhas as palavras de Lucien Febvre: “Eu gostaria de dizer, sobretudo, aos jovens: leiam, releiam, meditem sobre este belo livro. Longamente. Façam-no vosso companheiro. Aquilo que vocês aprenderão sobre os homens em si, sobre a sua história, e sobre a própria História, a sua verdadeira natureza, seu método e seu objeto — vocês jamais poderiam imaginar.

Este não é um livro que instrui. É um livro que engrandece”.